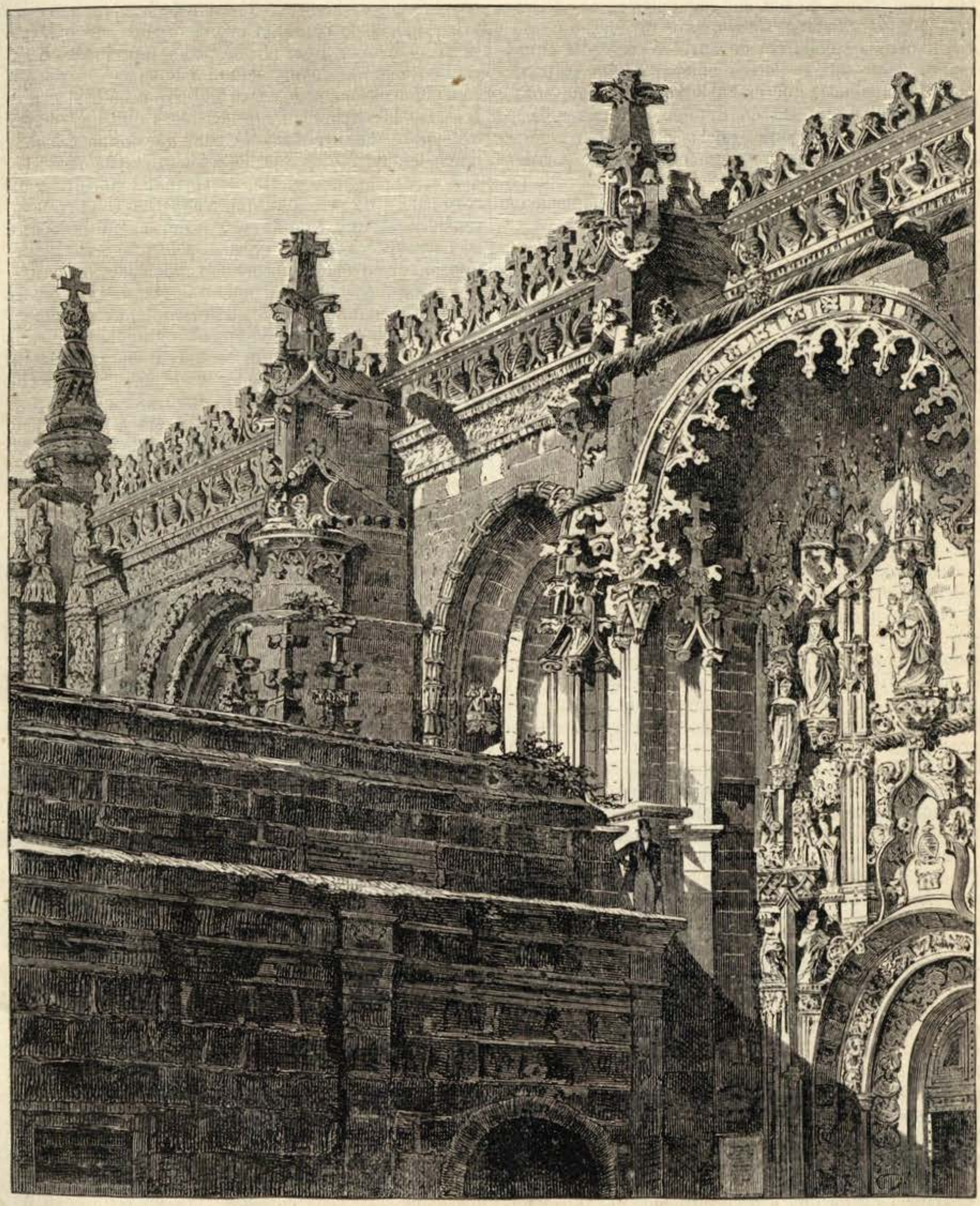
ARCHIVO PITTORESCO

SEMANARIO ILLUSTRADO

EDITORES PROPRIETARIOS, CASTRO IRMÃO & C.ª

Assignatura — Lisboa e Porto 2$000 réis — Provincias, pelo correio, 2$200 réis — Brasil, moeda fraca, 6$000 réis — numero avulso 50 réis
Escriptorio, rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio

10.º ANNO — 1867



Portal e corpo da egreja do convento capitular da ordem militar de Nosso Senhor Jesus Christo, em Thomar

THOMAR

CASTELLO DOS TEMPLARIOS E CONVENTO DA ORDEM MILITAR DE CHRISTO

Que immensidade de recordações historicas, que memorias de tamanho vulto estão ligadas a esses dois venerandos padrões da antiguidade! Um falla-nos d'esses intrepidos campeões da Cruz, que ajudaram o fundador da monarchia, em guerra sem tregoas, a libertar o solo de Portugal do jugo sarraceno! Falla-nos o outro d'essa illustre milicia, á qual está associada a gloria dos descobrimentos dos portuguezes!

O gigante de pedra, que se ergue a cavalleiro da cidade de Thomar, embargava ha sete seculos a marcha triumphante de um dos mais poderosos exercitos com que os soberanos de Marrocos invadiram a nossa terra, para a sujeitarem de novo ao crescente musulmano. Essas altivas torres ameiadas, tão galhardamente defendidas, que embalde se quebraram contra ellas a sanha e furia do inimigo, viram as hostes marroquinas, pouco antes cheias de orgulho e de arrogancia, levantarem á pressa o arraial, e partirem cobertas de vergonha, por ser vencido por um punhado de homens quem se destinava a conquistar um reino.

Dentro d'aquelles muros cresceu em poder e riquezas a guerreira ordem do Templo, uma das mais famosas ordens de cavallaria que tem existido no mundo, e cujos mestres egualavam quasi os reis nos attributos magestaticos.

O convento que se estende a par do castello, sobre o mesmo monte, foi a cabeça da mais opulenta ordem que houve em Portugal. Herdeira dos bens e da gloria militar dos templarios, a ordem dos cavalleiros de Nosso Senhor Jesus Christo, illustrando-se por mil acções de valor e devoção civica em defensa da fé e da patria, adquiriu glorioso nome, que ainda mais refulgiu quando os seus cavalleiros, ao aceno do mestre, o inclito infante D. Henrique, se lançaram ousados através dos mysterios do Oceano, em demanda de novas terras, onde plantassem ao lado das quinas portuguezas o sagrado emblema da redempção.

Foi em agradecimento de tantos, tão desinteressados e heroicos serviços, que os nossos soberanos e os summos pontifices accrescentaram a ordem em bens e prerogativas de subida valia e significação. E todo o prestigio e auctoridade, provenientes da instituição e concessões pontificias, todos os immensos e sempre crescentes rendimentos do mestrado de Christo, foram empregados pelo digno filho de D. João I em dilatar as raias da sciencia, creando ao mesmo tempo para Portugal novas condições de prosperidade e poderio, novo e mais invejavel genero de gloria.

Como se ainda não bastassem taes memorias, além de muitas outras, para lustre e nobreza d'aquelles padrões da nossa historia, quiz a munificencia de um monarcha que se ataviasse com as mais esplendidas galas da architectura e da esculptura o singelo edificio, meio religioso, meio guerreiro, onde os templarios e os cavalleiros de Christo, de volta de suas emprezas militares, vinham depositar os tropheos das victorias, e entoar canticos de louvor e orações fervorosas. Foi el-rei D. Manuel, a quem appellidaram *afortunado* por ter colhido os fructos da semente lançada á terra pelo grande infante D. Henrique, que assim mandou ornar com todas as ostentações da magnificencia a casa do Senhor, onde o infante D. Henrique se inspirára dos altos designios que o immortalisaram.

O que são, porém, as vicissitudes do tempo, a inconstancia da fortuna e a versatilidade dos juizos humanos! Quem diria áquelles infatigaveis lidadores, sempre promptos a derramarem o seu sangue nos campos de batalha, ou a affrontarem impavidos as iras do Oceano em paragens desconhecidas, ou a arrostarem com a fereza de povos selvagens e barbaros; quem diria a esses dedicados artifices do engrandecimento da patria que viria tempo em que seria votado ao abandono e ao esquecimento aquelle sagrado ninho, d'onde tantas aguias, rompendo audazes pelas regiões do espaço, elevaram a tamanha altura o nome de Portugal?

Ninguem acreditaria, certamente; ninguem poderia então conceber a possibilidade de que tal sorte viria a caber, no correr dos tempos, a monumentos taes, por tantos respeitos significativos e venerandos! E, todavia, é uma triste realidade, que assim aconteceu.

Envelhecem as instituições, não ha dúvida, como envelhecem os homens. N'estes vão-se enfraquecendo e gastando pelo contínuo uso os orgãos principaes do corpo, até que, deixando de poder funccionar, occasionam a morte do individuo. N'aquellas é a relaxação quem principia a desvirtual-as; o natural e progressivo desapparecimento das idéas que lhes deram origem, e das necessidades para que foram creadas, quem lentamente as vae despojando da sua acção benefica, e, por conseguinte, despojando tambem da auctoridade e do prestigio, que n'ellas são condições essenciaes de vida e de força; em fim, as novas idéas e as novas necessidades, creadas pelo progresso humanitario, quem determina a sua caducidade, o seu fim.

Acabam, portanto, ou modificam-se as instituições pelo curso natural da civilisação, porém os monumentos, symbolisando o pensamento grandioso que as creou, e commemorando os beneficios que produziram no seu periodo de esplendor e de força, na epocha das suas tradições gloriosas, esses monumentos, dizemos, devem ser conservados e acatados, não só pelo respeito inherente a essas venerandas testimunhas do viver de nossos maiores, mas tambem como documentos preciosos, como parte integrante da historia do paiz. E se n'esses padrões se esmerou a arte, ornando-os e ataviando-os de custosas galas, como vemos no caso de que nos occupâmos, então ainda accrescem em favor da sua conservação, mas conservação esmerada, altas razões de sciencia e de economia.

Ao livro de pedra da historia patria está então adjunto um importante capitulo da historia das artes. E o edificio assim por tantos modos diversos enriquecido, representa um capital valiosissimo, que os interesses publicos pedem que seja cuidadosamente conservado.

Pois apesar de toda essa longa serie de considerações, que recommendavam o monumento de Thomar aos attentos cuidados dos poderes publicos, este magnifico edificio, logo em seguida á extincção das ordens religiosas, padeceu uma devastação mais barbara que a que lhe infligiram os francezes na invasão de 1810. Depois tudo ficou, durante alguns annos, abandonado e entregue á pilhagem e á destruição.

Foram grandes os actos de devastação que alli se commetteram n'esse triste periodo, que a lucta das paixões politicas fez tão precario e funesto para as artes e para os artistas em todo o reino. Quiz, porém, a boa estrella d'aquelle monumento que apparecesse mão valedora a obstar á continuação dos actos de profanação e vandalismo.

Ao sr. conde de Thomar deve o paiz, certamente, não passar hoje pela vergonha de ver caído em ruinas um dos seus mais grandiosos e significativos monumentos. Tendo comprado ao estado, pelos annos de 1843, a cêrca do convento e uma pequena parte d'este, foi seu primeiro cuidado, na qualidade de ministro do reino que então era, fazer com que se fechassem as portas do profanado templo, que até alli estavam abertas dia e noite, como casa de todos des-

amparada. Depois proveu á limpeza interna do edificio, e ás reparações mais essenciaes para resguardo das chuvas. Correram os annos; deixou de ser ministro; a mão do tempo, pesando cruelmente sobre as santas abobadas e açoitando as vidraças, expoz ás injurias do vento e das chuvas o interior da egreja e de outras partes do convento pertencentes ao estado. O sr. conde de Thomar foi então incançavel em solicitar do governo a reparação d'aquelles estragos. Assim se deve ao seu zelo e ás suas repetidas instancias vermos hoje preservada de ruina a egreja dos templarios e dos cavalleiros de Christo. Outros serviços prestou ainda o nobre conde no desempenho d'esta honrosa missão que a si tomou, os quaes havemos de referir em occasião opportuna.

Todavia, apesar d'estes esforços, não estão alli a coberto das devastações do tempo, não diremos todas as partes d'aquelle vasto edificio, mas nem sequer todas aquellas que, em respeito á arte e ás recordações historicas, mais cumpria preservar da ruina.

Ha pouco tempo abateu alli o mais antigo dos oito claustros do convento. Não tinha sido precisa despeza avultada, de certo, para evitar tão deploravel perda. Causa lastima, na verdade, ver derrocadas aquellas antiquissimas galerias, e feitas pedaços nos montões de entulho as delgadas columnas de marmore, com seus capiteis de folhagens, que em duplicada ordem sustentavam os arcos!

Que não se cuide desde já da restauração do monumento comprehende-se, attentos os apuros do thesouro publico, e tambem em attenção a acharem-se em andamento, em outras terras do reino, obras de egual natureza; mas não ha razão alguma para que deixe de se prover aos reparos tendentes a evitar a ruina do edificio. O que modernamente se tem feito n'este sentido ainda não basta. Lá estão ameaçando cair as salas em que se reuniram os tres estados do reino, que entregaram a coroa de Portugal a Filippe II de Castella. Embora seja de ominosa recordação o acontecimento que ahi se realisou, nem por isso deixam aquellas salas de ter interesse historico, além do que interessam tambem á historia das artes, pela originalidade, principalmente, da sua architectura exterior.

Aqui tem os nossos leitores, em epilogo, a materia que nos propomos a tratar, não como ella o merece e exigia, mas como for compativel com a exiguidade dos nossos recursos, e com os limites e economia do jornal, em uma serie de artigos, que hão de ser acompanhados de gravuras, representando as partes mais notaveis do monumento.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

EGUALDADE DE TRATAMENTO

Havendo o bispo de Coimbra, Tavora, de chegar a certa terra e hospedar-se em casa de um fidalgo, a quem alli communmente davam senhoria, enviou este a dizer-lhe anticipadamente, que se servisse de lhe dar o mesmo tratamento, por quanto no seu procedimento contrario padeceria elle detrimento.

Respondeu o bispo ao mensageiro:

— Que assim como negar senhoria a quem a tinha de juro era injuria, assim o dal-a a quem a não tinha era injuriar a outros.

Tornou segundo recado:

— Que se lhe não désse senhoria, tambem elle lh'a não daria.

Respondeu:

— Diga que eu irei; e que havendo algum de nós fazer a parvoice, melhor será que a faça elle do que eu.

P. M. BERNARDES.

A FOLHA VERDE

(REMINISCENCIAS DO CARNAVAL)

Quem sabe se foste a causa
de me eu perder, folha verde?
Verde symbolisa esp'rança;
e co'a esp'rança que sorri
quanta gente se não perde?
E' verde o mar em bonança,
e esconde abysmos em si,
muita tromba d'aguaceiro,
muita syrte, e muito damno.
Talvez... talvez, folha verde,
que eu vinha por ti absorto!...
O certo é que me perdi,
e, desnorteado barqueiro,
entregando á sorte a prôa,
fiz-me ao largo a todo o panno
mar em fóra de Lisboa,
na ré deixando o meu porto!...

A folha da japoneira
teria acaso feitiço?...
seria de feiticeira
a mão que m'a deu?... Por isso...
Mas, nada! não foi! não é!
A mão era bem bonita,
que a tive eu nas minhas mãos;
e juro por minha fé
que os dedos eram christãos!
Só se a luva... Em fim, não sei,
e o que sei não se acredita!
Corri cem ruas desertas!
caminhos que nunca andei!
nem um clarão nas janellas,
um passo, uma voz, — ninguem!
só muito ao longe as álertas
das nocturnas sentinellas!
E eu vagando aqui e além
sem dar pelo meu desvio!...

Quando mais scismo, acontece
que vou no meu desvario
a andar... por andar! á tôa!
e um ermo até se me antolha
a rumorosa Lisboa!
Mas, á saida do baile,
em quê, em que scismei eu?!...
Em nada!... a não ser... na folha
que a mascarada me deu!...

Pois inda vos não disse? o baile era de mascaras!
era a folia infrene, o doido carnaval!
tropel em turbilhão de sonhos mil phantasticos,
o vasto auri-luzente abysmo festival!

Paiz febricitante onde se enflora em jubilos
a imagem do prazer! grinaldas e festões!
ondas d'acre fragrancia! ondas de luz prismatica!
ephemero anciar d'ephemeras paixões!

Um mundo multicôr! um multiforme vortice!
onde remanda á vida, a um'hora de prazer,
um ente, cada povo; um trage, cada seculo:
sombras que vem folgar, sorrir, desparecer!...

Era a *odalisca* ardente, e o requeimado *egypcio!*
era a *varina* altiva, e a *grega* sua irmã!
e a *Norma* enamorada, e a *filha do Adriatico!*
e a *vivandeira* audaz, e a *fada* alva e louçã!

A esplendida *romana*, e a *camponeza* ingenua,
d'olhos de tanto amor e labios tão de mel!
e o *Tasso*, e a *saloinha* a requebrar-se languida!
e um *grande á Henrique oitavo*, e um *nobre á D. Manuel!*

e a scismadora *noite*, e a feiticeira *bohemia!*
e a intrepida *escosseza* e o rude *calabrez!*
e o *cavalleiro negro*, e a branca *flor de Napoles!*
e a larga espora d'oiro, e o morrião, e o arnez!

e a *dama de Luiz treze*, e o pensativo *armenio!*
e o lesto *gondoleiro*, e o recamado *emir!*
e a *salerosa niña*, a tentação de Malaga!
e a fascinante *hebrea*, a perola d'Ophir!

e a dança, a dança infrene! e o delirar da musica!
e o revoltoso prisma a remoinhar sem fim!
festão aberto e esparso a dardejar relampagos!
fragrancias d'um salão, delirios d'um jardim!

Prazer e febre em tudo! Era um correr electrico
de fremitos d'amor! d'anceios de prazer!
um desejar sem fim! sopravam filtros lubricos
no aroma, cada flor; no rir, cada mulher!

....

....

Mas quem eram duas mascaras,
entre tanta garridice,
cujos nomes ninguem disse,
cujos rostos ninguem viu?!
—«Lindas fadas são!»—dizia-se;
que, apesar de tão veladas,
que eram bellas e eram fadas,
quem não sentiu?

E o salão, curioso e férvido,
a agrupar-se em torno d'ellas!
que a luz viva das estrellas
mais encanta e mais seduz
quando vem coada e timida!
e era a seda tenues flocos,
nuvens raras, para focos
de tanta luz!

Era ouvil-as, e no espirito
conceber visões suaves;
sonhar cantos, flores, aves,
riso, amores, ceos, e houris!
Flores bellas e phantasticas
quando a mão tenta colhel-as,
mal se inclina para ellas...
fogem subtis!

E assim fugiram céleres
os *dominós* azues,
tristes deixando, e extaticos,
as bellas e os tafues;

como fugaz relampago
que fulge e se escondeu!

....

....

....

Ficou-me... a folha trémula,
que uma, o meu par, me deu!

Aqui prende e acaba a historia
da folha verde e das bellas!
Se alguem quizer conhecel-as,
eu posso dar-lhe signaes:
têm ambas loiros cabellos;
frontes vastas; estaturas,
sem serem grandes, esbeltas;
olhos garços, vivos, bellos;
pés e mãos... de miniaturas!
Eis o que vi; mas sei mais
outro signal que as indica:
se alguem puder escutal-as,
note como em suas fallas
se amenisa e dulcifica
o som das letras mais duras!...

....

....

Não sei se a lingua indiscreta
disse mais do que devêra!
Ao clarão da primavera
sorri a lyra ao poeta,
enflora-se e reverbera!...

Venha cá, folha travessa!
como tem brincos fataes,
não quero que me endoideça:
commigo não anda mais!

Se alguem disser que a graça é só da França,
levae-m'o aos meus travessos *dominós;*
que este desdem do seu, esta esquivança,
é cá d'uns *francezinhos*... d'entre nós!

Lisboa, 6 de março de 1867. THOMAZ RIBEIRO.

O BERÇO DE MALDIÇÃO [1]

(LENDA HISTORICA PORTUGUEZA)

I

Ia grande agitação nos regios paços de Lisboa no dia 20 de janeiro de 1554. Fidalgos, cavalleiros, embaixadores, altos dignatarios da egreja, e frades, que, não tendo um posto determinado na hierarchia ecclesiastica, eram apesar d'isso (ainda os mais humildes) equiparados aos mais poderosos senhores, entravam e saíam, trocando entre si algumas palavras com um certo ar de alvoroço e de inquietação.

O dia rompêra triste e chuvoso, como um verdadeiro dia de janeiro. O ceo toldavam-n'o carregadas nuvens, por entre as quaes mal assomava, de quando em quando, um timido raio de sol. O vento palmellão soprava rijo e agreste, e o Tejo, arqueando-se em ondasinhas encapelladas, baloiçava no seu dorso os galeões, naus, navetas, caravelas e bergantins nacionaes e estrangeiros, que pejavam então a enseada, hoje... Cautela, romancista, que estamos em pleno seculo XVI! Que importam tristezas de agora, se a vara magica do romance, apagando n'um traço o quadro da actualidade, nos faz surgir ante os olhos deslumbrados o esplendido panorama que nossos paes contemplaram, e que nós só revemos no espelho da phantasia?

Rasgae-vos, negras ondas do pélago dos tempos, que em vossas fauces impiedosas fostes uma a uma tragando as columnatas magnificas, as sumptuosissimas arcadas do edificio das nossas grandezas, e deixae que elle surja, radiante como outr'ora, do abysmo em que jazia. E ao fundo, ao fundo, soltae embora, ó vagas, o vosso bramido assustador como uma ameaça, funebre como um presagio!

Em triste occasião, leitor, viemos nós bater ás portas do paço em que D. João III habita. Não que haja a minima quebra no poder portuguez; nunca, pelo contrario, chegou tão alto a sua gloria, nunca em tão dilatados dominios tremularam as suas quinas. Não ha muitos annos ainda que D. João de Castro espantou os sectarios de Brahma com o classico espectaculo de um triumpho; não ha muito que os heroes da Lusitania escreveram com a lança nos desmoronados ba-

[1] Refere-se esta lenda ao nascimento del-rei D. Sebastião. Por isso o retrato do monarcha infeliz acompanha o romance.

luartes de Diu algumas das estrophes mais sublimes da nossa Iliada indiana. Se o filho de D. Manuel desprendeu da sua coroa florões, singelos sim, mas sanctificados pelo sangue portuguez que os tingira, em troca d'essa ingratidão, os braços robustos dos seus vassallos, com florões mil vezes mais esplendidos, lhe suppriram o desfalque. Assim foi sempre.

O motivo, pois, da tristeza que vemos reinar no paço, tristeza allumiada por um raio de alegria, como as nuvens que páiram n'esse instante sobre Lisboa se doiram com um raio de sol, o motivo d'essa tristeza nada tem que ver com as nossas conquistas e victorias. Mas havia dezoito dias que a morte fôra bater á porta do regio alcaçar, e entrára sem que lhe fossem obstaculo, como Malherbe tinha de dizer annos depois, as guardas e as sentinellas. Entrára livida, faminta, fatal! Víra um rei decrepito antes de tempo, curvado ao peso da coroa... e dos remorsos talvez, um corpo sem alma, que esta ha muito o fanatismo lh'a defecára, e passára desdenhosa. Víra um principe idiota, que se consolára de não ter ainda envergado a purpura monarchica, vestindo a purpura cardinalicia, e que talvez para que esta lhe parecesse mais rubida aproveitára com ufania o ensejo de a illuminar com um reflexo das chammas dos autos de fé, e passára tambem. O nobre inquisidor-mór ainda tinha por destino vestir a purpura real, mas para que fosse digna d'elle queriam primeiro os frades tingil-a bem de vermelho, ensopando-a no sangue de Alcacer-Kebir. E a morte continuára a atravessar, hirta e silenciosa, as camaras do regio alcaçar.



El-rei D. Sebastião

Viu a final um principe na flor da mocidade, que por todos os poros aspirava o ar da vida, que bebia o doce philtro de amor nos vermelhos labios da sua noiva de poucos mezes, a quem afagava docemente a aura do favor popular, e foi essa, foi essa a preza cubiçada. A morte ás vezes tem caprichos de Messalina, e para companheiro do seu funebre leito escolhe o mais formoso.

Por isso andava tudo triste e alvoroçado no paço; triste porque no dia 2 de janeiro morrêra o principe D. João, alvoroçado porque a princeza viuva ficára gravida e sentira as dores do parto dezoito dias depois da morte do seu esposo.

Triste fructo o que se desprende da ramaria da arvore quando o raio a fulmina; triste planta a que ao desabrochar se vê por lagrimas regada!

N'uma das salas do paço agrupam-se os principaes fidalgos, que esperam com anciedade noticias do que está para succeder nos aposentos da princeza. Uns vão, outros vem, estes passeiam, aquelles juntam-se no vão das janellas conversando em voz baixa. Ficarieis deslumbrados, leitores, se eu vos dissesse um a um os nomes d'esses homens que ahi vêdes com semblantes melancolicos e austera compostura. Cada um d'esses nomes soaria aos vossos ouvidos como um clangor da épica trombeta, e iria, atravessando o Oceano, despertar milhares de echos gloriosos nos reconcavos do Himalaya.

Sigamos, comtudo, estes dois homens que se dirigem conversando para um dos grupos das janellas. Ouvindo o que elles dizem talvez os conheçamos, e á sombra d'elles poderemos ir tambem ouvir o que no grupo a que se vão juntar está lendo um moço dos seus vinte e seis annos, de aspecto grave e digno, que é escutado por todos em religioso silencio.

— Tristes novas ides levar á India, sr. D. Pedro de Mascarenhas, dizia o mais novo dos dois, homem de nobre presença, tendo no seu aspecto um não sei quê de soberano, que, bem que temperado por muita affabilidade, indicava o estar elle habituado aos respeitos de todos; tristes, por nosso mal, e talvez da India tambem.

— Tristes novas receberá ella, sr. D. Constantino,

e triste governador. Não passam debalde os annos e ainda menos os desgostos; estou velho e alquebrado, e o governo da India, sr. D. Constantino, é a peior enfermidade que póde achacar um homem. Bem o disse eu a sua alteza; não me quiz attender, paciencia. Darei contente por seu real serviço os dias de vida que me restam.

— Não estejaes com ruins presagios, sr. D. Pedro de Mascarenhas, acudiu o seu interlocutor; conhecem-vos já bastante os pelouros de Calicut e os de Cambaya, são amigos velhos que aprenderam a respeitar-vos.

— Não é dos pelouros dos indios que hei medo, nem das zagayas dos cafres, tornou D. Pedro de Mascarenhas abanando a cabeça com melancolia, mas ha hervadas settas vibradas por mãos christãs que ferem mais certo que os tiros dos descridos. Conheço-as por experiencia de familia [1]. E, louvado Deus, não falta na India peçonha para as hervar.

E o denodado velho suspirou, como se um presentimento lhe estivesse revelando que não teria em Goa nem um anno de vida.

N'isto chegavam os dois junto do grupo. Ao verem-n'os, todos os comprimentaram cortezmente, e o leitor interrompeu-se tambem para cortejar D. Constantino de Bragança, que esse era o interlocutor de D. Pedro de Mascarenhas.

— Continuae, continuae, sr. Antonio Ferreira, disse o principe correspondendo affavelmente aos comprimentos de todos; bem sabeis que folgo sempre de ouvir as producções da vossa musa.

Antonio Ferreira, pois esse moço de vinte e seis annos era nem mais nem menos que o sr. dr. Antonio Ferreira, desembargador e fidalgo cavalleiro, poeta de grande fama já n'esse tempo, apesar de ainda não ter escripto a *Castro*, abaixou a cabeça em signal de agradecimento, e, tornando a pegar no papel, leu com uma voz em que ressumbravam lagrimas:

«Aquella Real planta, que crescer
Com tanta fermosura começava,
Promettendo da terra ao ceo s'erguer,

Aquella flor fermosa, que alegrava
Tantos olhos e almas, que tua mão
Com tanta diligencia nos criava [2],

Colheram-ta ante tempo: já no chão
Cortada e seca jaz; vá-la seguindo
Com a alma e c'o desejo triste em vão!

Vejo-te ir em suspiros consumindo
Aos ceos queixoso, porque te apagaram
A clara luz, que se ia descubrindo.»

Interromperam a leitura as lagrimas dos circunstantes; o proprio Antonio Ferreira sentiu embargar-se-lhe a voz na garganta. É que a perda, que elle commemorava nos seus realmente formosos tercetos, fôra uma perda deplorada por todos, fôra uma calamidade publica, um lucto nacional. Notavel desventura que parece inherente aos solios! Quantas formosas plantas, nascidas nos degraus dos thronos, não vão viçando e florindo com alegria de todos, para vir depois a morte arrancal-as, substituindo-as por outras ou malfazejas ou fataes! O principe D. João, querido do povo, grave, intelligente, cultor das letras, esperança do paiz; o principe D. Theodosio, filho de D. João IV; o principe D. José, filho de D. Maria I; e em França o filho de Luiz XIV; o neto do mesmo rei, discipulo de Fénelon; o filho de Luiz XV, pae de Luiz XVI; e ha bem pouco tempo ainda o filho de Luiz Filippe, o sympathico duque d'Orleans!

Por isso a morte do principe D. João não fôra só chorada officialmente, fôra deplorada com lagrimas verdadeiras, que as estrophes de Ferreira haviam feito brotar de novo, lembrando a dor ainda recente, avivando a ferida ainda fresca.

(Continúa) M. PINHEIRO CHAGAS.

[1] Este D. Pedro de Mascarenhas, que fôra embaixador em Roma, e que ia ser governador da India, era genro de outro Pedro de Mascarenhas (sem *Dom*) que fôra victima no Oriente das odiosas intrigas de Lopo Vaz de Sampaio.

[2] A elegia era dirigida a Francisco de Sá de Menezes, que fôra aio e camareiro-mór do principe D. João.

A REVISTA NOCTURNA

(POR SEDLITZ)

Por uma noite de invernia aguda, em que a chuva se despenhava em bátegas e torrentes, e o vento rugia furibundo nos arvoredos, cujas ramas sombrias mal se destacavam no firmamento toldado de nuvens, Augusto Burger, moço allemão, estudante de Gœttingue, pedia acolhida em uma taverna.

Burger entrou, sentou-se ao lar para aquecer o corpo gelado e algido, a tempo que o seu espirito como que seguia a tormenta que zunia lá fóra, e abraçava a terra com os seus raios coruscantes.

Uma rapariga da aldeia, que servia os raros hospedes que vinham tragar cerveja de envolta com fumo n'aquella caverna, começou a cantar com voz juvenil e argentina uma toada melancolica, pávida, phantástica, cujo refrão era: «A lua reluz ao longe, e os mortos caminham á desfilada. Tens medo, meu amor? Não hei medo, não, que vou comtigo.»

Burger, mal ouviu esta cantilena, entoada por altas horas da noite, junto ao brazido e acompanhada pelos roncos formidaveis da tormenta, ergueu-se de um pulo, e ergueu-se poeta legendario. Entreviu n'um momento um mundo novo e desconhecido; descortinou horisontes dilatados, thesouros esquecidos, que as edades foram accumulando pouco a pouco, e que o povo, depositario sublime, guardou religiosamente.

Burger, sem esforço, e por uma d'aquellas inspirações subitas que acodem aos poetas, escreveu a sua *Lenora*, ballada phantastica, modelo perfeito e acabado da poesia legendaria, da poesia popular allemã.

Foi assim que Burger abriu um campo vastissimo; foi assim que o moço poeta, que então contava pouco mais de vinte annos, para logo assignalou o seu nome e se tornou popular na Allemanha.

Em 1774 *Lenora* causava admiração e espanto em todos os que liam esta ballada singular e extravagante. Os allemães, cuja indole propende naturalmente para o maravilhoso, depois de haverem chorado a morte de *Werther*, seguiram *Lenora* na sua correria phantastica e vertiginosa, nos braços do amante, que de repente se transforma n'um esqueleto.

Lenora foi traduzida ou imitada em todas as linguas, e a nossa litteratura conta uma formosa traducção, devida á penna illustre do sr. Herculano.

A ballada de Burger, composta em 1773 perto de Altengleichen, compartiu com *Werther* e *Gœtz* as honras da popularidade durante aquelles annos.

A vida, porém, do moço poeta corria na pobreza e na desgraça. Dotado de um temperamento de fogo, sentindo lavrar no peito o incendio de paixões fortissimas, ligou-se com Klotz, que redigia a *Bibliotheca dos conhecimentos bellos*, e era um sabio, posto que libertino e desregrado. Burger acabou a sua formatura, foi nomeado balio de Altengleichen, e entregou-se de coração á poesia phantastica, como quem na phantasia só podia encontrar pasto á sua imaginação volcanica. Mal que appareceu o poemeto *Lenora*, o nome de Burger tornou-se glorioso, mas, em compensação, o poeta, obedecendo ao continuo joguete do

destino adverso, cavou com as proprias mãos o abysmo aonde se despenhou.

Ha homens que nasceram para a infelicidade, e, á feição dos leprosos da edade média, deviam de viver em continuo isolamento para não acarretarem a desgraça sobre os que se unem a elles. Burger pertencia a esses leprosos moraes. Ligando-se com uma das filhas do balio de Niedeck, arrastado pela sorte asinha que o perseguia, conheceu que amava loucamente a irmã de sua esposa.

Desde então correu-lhe a vida em continuado tormento. As caricias da esposa eram remorso vivo, em vão intentasse recalcar no peito a paixão que o requeimava. Debalde luctou, que prostituiu os sentimentos de honra, brio e dignidade, semeou com mão sacrilega a desgraça e o soffrimento, conspurcou o altar domestico e o thalamo conjugal, e a final matou a esposa com o ciume e a amante com o remorso, e quebrou para sempre o socego e a paz, que só a virtude póde gozar.

Todas as peripecias d'essa lucta ardente e medonha, lucta travada entre a paixão e o dever, que durou dez annos, estão pintadas acremente no *Doente de amor* e no *Abraço*, em que o poeta como que deixou o coração ralado pelo soffrimento.

Burger, porém, não esquecia o seu natural pendor. O talento peregrino com que nascêra havia de expandir-se. Durante essa epocha escreveu outras lendas formosissimas, algumas das quaes, mórmente o *Caçador feroz*, podem collocar-se a par de *Lenora*. Burger foi, portanto, o pae da poesia phantastica na Allemanha.

Os seus successores encontraram o caminho traçado e vencidas as primeiras estranhezas, que tantas se ergueram n'aquella epocha, em que as reminiscencias de Voltaire, d'esse genio cobarde que renegou Shakspeare, eram ainda omnipotentes na Allemanha.

Verdade é que o grande Goëthe já havia firmado na indole do povo a litteratura nacional, e *Werther*, romance sublime e nunca assaz admirado, tinha alcançado um triumpho, que é raro encontrar na historia litteraria do mundo. Mas, apesar d'isso, Burger fez uma verdadeira revolução, ousando apresentar ao publico a ballada de *Lenora*.

E de feito, grande arrojo foi este, quando se ouviam ainda os minuetes e folias da corte de Saxe, que, arrastada no vortice dos prazeres sensuaes, e deslumbrada pelos esplendores e crapulas que excediam o proprio Versailles de Luiz XIV e Luiz XV, se ia dançando, dançando, até caír na tumba com a derradeira pirueta.

N'essas epochas, em que Frederico II discutia gravemente com Voltaire e Maupertuis, e se correspondia com d'Alembert e Diderot ácerca dos direitos do homem, a tempo que arrebanhava provincias e fustigava com a bengala de castão doirado os burguezes da sua boa cidade de Berlin; n'esses tempos, em que Maria Theresa ainda sonhava com as *Philis* e *Galathéas*, entre duas campanhas, na Saxe, e o imperador José imaginava novos systemas de governança, em quanto a Simiramis do Norte, Catharina da Russia, cobria a prostituição com a purpura do seu manto; n'esse seculo, em fim, em que o pincel de Wateau e Greuze fazia esquecer as obras das grandes escholas, e Maria Antonieta mugia as suas vaccas no *Petit-Trianon*, vestida de rendas flamengas como uma pastorinha ideal: então só um grande talento podia esquecer os madrigaes e idyllios insulsos dos abbades de sala e escrever *Lenora*.

Por isso Burger, com deixar-nos poucas obras, foi um grande poeta, e o seu nome figura ao lado do de Goëthe.

Burger fundou uma eschola, que cresceu e dilatou-se por toda a Europa: mostrou que a poesia phantastica encerrava innumeras bellezas.

Entre os discipulos de Burger, ha um, o poeta hungaro Sedlitz, que alcançou grande fama na Allemanha, posto que o seu nome seja pouco conhecido no Occidente.

Sedlitz não era para hombrear com Burger, mas a sua *Revista nocturna* podia, sem desdoiro, ser assignada pelo mestre.

(Continúa) A. OSORIO DE VASCONCELLOS.

O MARTYRIO

(LENDA)

I

Por uma tarde de estio e em um jardim de Toledo nos referiu esta singular historia boã e formosa rapariga.

Em quanto nos explicava o mysterio de sua fórma especial, beijava as folhas e os pistillos que ia arrancando um a um da flor que dá o nome a esta lenda.

Se podessemos referir com o suave encanto e a terna singeleza que tinha na boca da rapariga, commover-vos-hia, como nos commoveu a historia da infeliz Sara.

Já que isto não é possivel, ahi vae o que d'essa piedosa tradição nos lembrâmos agora.

II

Em uma das ruas mais escuras, tortuosas e estreitas da cidade imperial, engastada e quasi occulta entre a alta torre moirisca da antiga parochia mozárabe e as sombrias e brazonadas paredes de uma casa solarenga, tinha, havia muitos annos, a sua habitação, rachitica, tenebrosa e miseravel, como seu dono, um judeu chamado Daniel Levi.

Era este judeu rancoroso e vingativo como os da sua raça, porém, mais que nenhum, enganador e hypocrita.

Possuidor, segundo o dizer do vulgo, de immensa fortuna, viam-n'o, apesar d'isso, durante o dia acurvado no sombrio portal da sua vivenda, compondo e reparando cadeias de metal, cintos velhos ou guarnições quebradas, com o que fazia notavel trafico entre os truões do Zocodover, as revendedoras do Postigo e os escudeiros pobres.

Aborrecendo completamente os christãos e quanto a elles podesse pertencer, jámais passava junto de um cavalleiro principal ou de um conego da primazia sem tirar uma, e até dez vezes, o sebento barrete que lhe cobria a calva e amarellenta cabeça, nem recebêra na possilga a algum dos seus habituaes freguezes sem o incommodar com repetidas e humildes saudações, acompanhadas de aduladores sorrisos.

O sorriso de Daniel tornára-se proverbial em Toledo, e a sua paciencia, á prova dos ditos mais pesados e das chufas e zombarias dos visinhos, não conhecia limites.

Debalde os rapazes, para o desesperar, lhe atiravam pedras á possilga; em vão os pagens e até os homens de armas do antigo palacio pretendiam encolerisal-o, provocando-o com adjectivos injuriosos, ou as velhas beatas da freguezia se persignavam ao passarem-lhe pela porta, como se vissem o demonio em pessoa. Daniel sorria eternamente com um sorriso estranho e indescriptivel: os labios, delgados e contrahidos, dilatavam-se-lhe á sombra do nariz desmesurado e curvo, como o bico do papagaio, e embora dos olhos pequenos, verdes, redondos e quasi occultos entre as espessas sobrancelhas se lhe soltasse uma faisca de mal reprimida colera, continuava impassivel o seu trabalho de reparar as mil peças velhas de metal, e ao que parecia sem applicação alguma, de que se compunha o seu trafico.

Sobre a porta da casa do judeu, e dentro de um marco de azulejos de côres vivas, abria-se uma janella arabe, resto das antigas construcções dos moiros toledanos. Em volta dos lavores da janella, e enredando-se pela columna de marmore que a partia em duas partes eguaes, subia do interior da vivenda uma d'essas plantas trepadeiras que se agitam verdes e cheias de seiva e louçania sobre as ennegrecidas paredes dos edificios ruinosos.

Na parte da casa que recebia duvidosa luz pelos vãos d'aquella janella, unica abertura no musgoso e gretado muro da tortuosa rua, habitava Sara, a filha predilecta de Daniel.

Quando os visinhos do bairro passavam pela frente da possilga do judeu, e viam casualmente Sara atraz das gelosias da janella moirisca e Daniel acurvado junto da bigorna, exclamavam em voz alta, admirados da perfeição da hebrea:

— Parece mentira que de tão ruim tronco saísse tão formoso ramo!

Porque, com effeito, Sara era um prodigio de belleza.

Tinha os olhos grandes e rodeados de sombrio cêrco de pestanas negras, em cujo fundo brilhava o ponto de luz de sua ardente pupilla, como estrella no ceo de noite escura. Os labios, incendidos e rosados, pareciam recortados de purpura pelas invisiveis mãos de uma fada; a tez era branca, pallida e transparente como o alabastro da estatua de um sepulchro. Contava apenas dezeseis annos, e ora se lhe via gravada no rosto a suave tristeza das intelligencias precoces, ora se lhe escapavam dos labios uns suspiros, prenuncios do vago despertar do desejo.

Os judeus mais poderosos da cidade, encantados de sua rara formosura, tinham-n'a requestado para esposa; mas a hebrea, insensivel ás homenagens dos adoradores e aos conselhos do pae, que instava com ella para que elegesse um companheiro antes de se ficar só no mundo, conservava-se encerrada em profundo silencio, sem dar outra razão do seu estranho proceder que o capricho de permanecer livre.

Um dia, a final, cançado de padecer o desprezo de Sara, e suspeitando que a sua eterna tristeza era seguro indicio de que em seu coração abrigava algum segredo importante, um de seus adoradores aproximou-se de Daniel, e disse-lhe:

— Sabes, Daniel, que entre os nossos irmãos se murmura de tua filha?

O judeu levantou um instante os olhos da bigorna, suspendeu o continuo martellar, e, sem a menor commoção apparente, perguntou ao interpellante:

— E que dizem os nossos irmãos?

— Dizem, proseguiu o interlocutor, dizem... que sei eu... muitas coisas... Entre outras, que tua filha está namorada de um christão...

Chegando a este ponto, o desprezado cortejador de Sara calou-se para ver o effeito que as suas palavras produziam em Daniel.

Daniel ergueu novamente os olhos, e fitou o correligioso um instante sem dizer palavra; e, baixando outra vez a vista para continuar o interrompido trabalho, exclamou:

— E quem diz que isso não seja calumnia?

— Quem a tem visto conversar mais de uma vez n'esta mesma rua em quanto assistes ao occulto synedrio dos nossos rabinos, insistiu o moço hebreu admirado de que as suas suspeitas primeiro, e depois as suas affirmativas, não perturbassem a placidez de Daniel.

Este, sem deixar o trabalho, e com o olhar fito na bigorna, sobre a qual, tendo ao lado o martello, se occupava em brunir com pequena lima o broche de metal de uma guarnição, começou a fallar em voz baixa e entrecortada, como se machinalmente lhe fossem repetindo os labios as idéas que lhe cruzavam a mente.

— Oh! oh! oh!... dizia rindo-se por modo estranho e diabolico; pois a minha Sara, o orgulho da tribu, o baculo em que se apoia a minha velhice, ha de ser arrebatada por um perro christão?... E os nossos irmãos acreditam que o fará?... Oh! oh!... continuava sempre fallando como para si e sempre a rir-se, em quanto a lima chirriava cada vez com mais força, mordendo o metal com os seus dentes de aço. Oh! oh!... pobre Daniel, dirão os meus; já se dobra! Para que quer esse velho moribundo e decrepito filha tão formosa e tão joven, se não sabe guardal-a da cobiça dos nossos inimigos?... Oh! oh! oh!... julgas acaso que Daniel dorme? Julgas porventura que se a minha filha tem um amante... que bem póde ser, e esse amante é christão e procura transvial-a, e a transvia, que tudo é possivel, e projecta fugir com elle, que tambem é facil, e foge ámanhã, por exemplo, o qual cabe dentro do possivel, julgas que Daniel deixará arrebatar o seu thesouro; julgas que não saberá vingar-se?

— Mas, acudiu o moço hebreu, sabes?...

— Sei, disse Daniel levantando-se e dando-lhe uma palmada nas costas, sei mais que tu, que nada sabes, e nada saberias se não tivesse chegado já a hora de dizer tudo... Adeus; avisa os nossos irmãos para que quanto antes se reunam; esta noite, dentro de uma ou duas horas, estarei com elles. Adeus!

E, dizendo isto, Daniel empuxou suavemente o seu interlocutor para a rua, recolheu mui devagar os objectos do trabalho, e começou a fechar com duplos ferrolhos e aldrabas a porta da loja.

O ruido que esta produziu ao fechar-se, rangendo sobre os ferrugentos gonzos, impediu que o moço hebreu, que se afastava, ouvisse o rumor das gelosias da janella, que n'aquelle ponto caíram de repente, como se a judia Sara acabasse de retirar-se para o seu ninho.

(Continúa)

O LIVRO

...E aguardae algum tempo, deixae que se chegue á eminencia da salvação social, ao ensino gratuito e obrigatorio, — que será preciso? um quarto de seculo, — e representae-vos a incalculavel somma de desenvolvimento intellectual que encerra esta palavra: todos sabem ler! A multiplicação dos leitores é a multiplicação dos pães. No dia em que Jesu-Christo creou este symbolo, entreviu a imprensa. O seu milagre é este prodigio. Ahi está um livro. Alimentarei cinco mil almas, cem mil almas, um milhão de almas, a humanidade inteira. Em Christo multiplicando os pães, ha Guttenberg multiplicando os livros. Um semeador é o prenuncio de outro.

O que é o genero humano desde a origem dos seculos? É um ledor. Soletrando ha muito tempo, ainda hoje soletra; mas em breve lerá.

A criança de seis mil annos teve desde todo o principio uma eschola. Qual? A natureza. E, não tendo outro livro, soletrou o universo. Teve o ensino primario das nuvens, do firmamento, dos meteoros, das flores, dos animaes, dos bosques, das estações, dos phenomenos. O pescador da Jonia estuda a onda, o pastor da Chaldea soletra a estrella. Vieram depois os primeiros livros; sublime progresso. O livro é ainda mais vasto que o espectaculo do mundo, porque ao facto allia a idéa. Se existe alguma coisa maior que Deus visto no sol, é Deus visto em Homero.

O universo sem o livro, é a sciencia que se esboça; o universo com o livro, é o ideal que apparece. D'este modo, ha modificação immediata no phenomeno humano. Onde existe só a força, o poder revela-se. O ideal applicado aos factos reaes, é a civilisação.

VICTOR HUGO — *Shakespeare*, liv. III.